

Artigo de Opinião
publicado na edição
de Abril do Jornal
Água & Ambiente
(n.º 197)



Opinião

RUI TOSCANO

Presidente do Conselho de Administração da PLASTVAL, S.A.

Será necessário um MUF – manual de utilização da fileira?

Creio sinceramente que o sucesso começa com uma pessoa ou organização, mas só se realiza com a energia e contributos de muitas outras. Vem isto a propósito do “novo” SIGRE e de pensar que o sucesso deste, tal como do actual, terá como condição necessária e suficiente a boa articulação, cooperação, optimização e entendimento de todas as entidades que o integrarão. Creio, por isso, que no mínimo terá sido “apressada” a avaliação de alguns *stakeholders* – uns por convicção, outros por indução – quando se referiram ao papel das fileiras de material no actual SIGRE, tendo-o feito também, imaginem, para o “novo” SIGRE. Foi exactamente essa avaliação inusitada que despertou a vontade e a possibilidade de modestamente contribuir para aquilo que denominaria MUF – manual de utilização da fileira. Poderia até juntar um pequeno anexo com as denominadas “perguntas frequentes”: o que é e para que serve uma fileira? A fileira é uma entidade com fins lucrativos? De que vive a fileira? A fileira tem cor? Enfim, estas e muitas outras questões poderiam esclarecer tudo e todos, numa linguagem simples e de fácil apreensão, e evitariam a confusão das partes interessadas.

Não deixa de ser curioso que, 19 anos volvidos, as organizações de fornecedores e transformadores de materiais de embalagem, que integram na sua estrutura toda a cadeia de valor do material – as fileiras –, criadas para assegurar a retoma e valorização dos materiais recuperados (artigo 4.º, n.º 5 do DL n.º 366-A/97) com base nas múltiplas e necessárias actividades técnicas que desenvolvem e que estão assentes, naturalmente, no conhecimento científico e intrínseco dos seus materiais, tais como composição, reciclabilidade, características, contacto alimentar, aplicação –, se vejam tacitamente afastadas de cumprir a sua grande missão: cumprir as metas nacionais de reciclagem dos resíduos de embalagens do seu próprio material! Daí a ideia do MUF, que seria essencialmente um manual prático, simples e factual, a permitir às entidades gestoras e outras soluções de acordo com as suas necessidades, já manifestadas nestes últimos 19 anos: recursos humanos tecnicamente habilitados para as suas estruturas, reciclabilidade

dos novos materiais, aplicações, formação e mesmo mediação de conflitos. O tal anexo das “perguntas frequentes” mitigaria também, agora que tempestivamente surge uma nova campanha de comunicação sob o lema “reciclar mitos”, os mitos associados às fileiras. Estas, tais como a actual entidade gestora, não são organizações com fins lucrativos e vivem da prestação dos serviços ao SIGRE, que essa mesma entidade, através da receita do valor ponto verde pago pelo consumidor, terá a obrigação de transferir para as fileiras, ressarcindo-as assim pelo seu trabalho. Quando não se concretiza esta obrigação por, alegadamente, a entidade gestora considerar que os serviços prestados pelos “agentes” fileiras já não serão necessários ou, sendo-o, estarão a ser feitos por si própria – outro agente do SIGRE a quem não foi reconhecida essa responsabilidade –, as perguntas que se afiguram óbvias são: a monitorização junto dos recicladores, o seguimento dos processos, o controlo dos fluxos, a verificação do destino adequado, as auditorias de qualidade e de qualificação ou acreditação de recicladores, a introdução de novos materiais, a avaliação de potenciais novos contaminantes, a revisão das especificações e a melhoria contínua do sistema deixaram de ser necessários? É que o SIGRE pode estar “maduro” mas não está podre, e a cor terá de ser a da transparência. Resta-me a questão absolutamente crucial: as fileiras terão cor? Tendo o sistema de recolha de resíduos de embalagens por ecopontos induzido uma tipologia de cores, as fileiras adoptaram-nas naturalmente, conotando-as com os respectivos materiais. Contudo, após um período superior a 16 meses sem serem ressarcidas pelo seu trabalho em prol do SIGRE – com a fileira da madeira e do plástico em *layoff* crítico –, atrevo-me a dizer que, se as fileiras algum dia tiveram cor, estarão em vias de a perder. E se as fileiras perderem cor, não é apenas o incumprimento da lei que fica impune. Em vez de um novo SIGRE, teremos um sistema incompleto, menos eficiente e menos transparente. Será mais um mito que um sistema de efectiva valorização de resíduos. Por isso, há que reciclar o SIGRE enquanto é tempo.